

Psicólogo inFormação
ano 19, n. 19 jan./dez. 2015

Copyright © 2015 Instituto Metodista de
Ensino Superior CNPJ 44.351.146/0001-57

Jacques Lacan: uma trajetória instigante

Jacques Lacan: a journey instigating

ALICE BEATRIZ B. IZIQUE BASTOS*

Resumo

Este artigo sobre Lacan e sua trajetória nos remete às muitas lutas e conquistas por um espaço mais autêntico, primeiramente da própria psicanálise freudiana e depois para um despertar de novos conceitos e proposições que ampliam tanto o ensino como a clínica psicanalítica. Lacan, a partir de seu pensamento e de seu ensino revolucionou não só o modo de se pensar a psicanálise como as próprias instituições psicanalíticas.

Palavras-chave: Jacques Lacan; linguagem em psicanálise; inconsciente

Abstract

This article on Lacan and his path leads us to the many struggles and achievements for a more authentic space, first of Freudian psychoanalysis and then to an awakening of new concepts and propositions that extend both the teaching and the psychoanalytic clinic. Lacan's thought and teaching revolutionized not only the way of thinking psychoanalysis but their own psychoanalytic institutions.

Keywords: Jacques Lacan; language in psychoanalysis; unconscious

* Doutora em Psicologia da Educação, psicanalista formada pelo IPP, pesquisadora sênior do Núcleo de Pesquisa de Psicanálise e Educação, professora e supervisora do curso de Pós Lato Sensu de Psicopedagogia da UMESP.

O percurso de Jacques Lacan é instigante e polêmico. Formado em medicina e filosofia, desde muito cedo, antes mesmo de ingressar na faculdade, interessou-se por estudar filósofos como Espinosa e Nietzsche. Seus estudos sempre voltados para o que podemos denominar de vanguarda filosófica, literária, artística, muito contribuíram para sua formação enquanto médico e psicanalista.

Lacan, já em sua tese de doutorado, “Da paranoia em suas relações com a personalidade”, mostrou a influência dos surrealistas como Salvador Dali que também investigou a questão da personalidade paranoica. Escolheu analisar um caso clínico que acompanhou por mais de 1 ano e meio, de uma paciente do Hospital Sant’Anne, onde era médico residente. A análise deste caso, característico do que denominou de paranoia de auto-punição foi subsidiada principalmente na psicanálise freudiana. A tese de Lacan marcou uma ruptura explícita com os médicos psiquiatras da época na medida em que formulou, por meio de um único caso clínico, a questão da paranoia de autopunição. Aimée (como denominou Lacan), após um surto psicótico tentou matar uma atriz muito famosa alegando que esta a estava perseguindo. Logo após a agressão, Aimeé foi internada e passou a ser paciente de Lacan. A paranoia passa aqui a ser entendida como um tipo de personalidade, de funcionamento psíquico articulado com o contexto sócio-cultural e não somente como fator hereditário.

Sua tese causou muita polêmica no meio médico da época, o que acabou sendo uma marca constante em relação aos seus estudos e formulações prático-teóricas. As questões suscitadas em sua tese de doutorado o levaram a uma aproximação cada vez maior da psicanálise freudiana o que possibilitou que Lacan desenvolvesse uma leitura rigorosa da obra de Freud.

Seu primeiro trabalho intitulado “Estádio do espelho e a formação do eu” foi apresentado no em 1936 no Congresso da International Psychoanalytical Association (IPA). Nesse Congresso, apresentou uma exposição sobre o estágio do espelho sendo interrompido em apenas 10 minutos por Ernest Jones, presidente da IPA. Novamente Lacan, de certa maneira, parece subverter a ordem vigente e a ortodoxia do IPA apresentando ideias inovadoras e originais.

O estádio do espelho postulado por Lacan, se subsidiou nos estudos e pesquisas de Henri Wallon sobre a construção da representação corporal na criança pequena, só que para Lacan não se trata da criança assumir sua imagem real, mas sim a imagem que foi construída para ela, que é uma imagem fictícia e virtual.

No texto de Lacan “O estádio do espelho como formador da função do eu” apresentado no XIV Congresso Internacional de Psicanálise de Zurique o autor escreve:

A assunção jubilatória de sua imagem especular por esse ser ainda mergulhado na impotência motora e na dependência da amamentação que é o filhote do homem nesse estágio de *infans* parecer-nos-á, pois manifestar, numa situação exemplar, a matriz simbólica em que o (eu) se precipita numa forma primordial, antes de objetivar na dialética da identificação com o outro e antes que a linguagem lhe restitua no universal, sua função de sujeito (1998, p.97).

É pela identificação com essa imagem que a criança poderá esboçar um eu, que fará emergir a subjetividade. O estádio do espelho marcará então a passagem de uma relação dual e recíproca característica do registro imaginário, para uma relação inscrita pela linguagem, específica do registro simbólico. A formação do eu se inscreve nesta passagem e é pela identificação primordial que se constitui.

Em 1938 Lacan passa a integrar a Sociedade Psicanalítica de Paris onde permaneceu participando da formação de psicanalistas e também atuando como supervisor. A partir de uma divergência em relação à proposta de Lacan sobre a utilização do tempo lógico das sessões, ao invés do tempo cronometrado pelo relógio, muitos questionamentos surgiram e instalou-se uma verdadeira polêmica que resultou em sua saída da instituição e seu ingresso na Sociedade Francesa de Psicanálise em 1953.

Neste mesmo ano fez uma intervenção muito relevante sobre “A função e campo da fala da linguagem na psicanálise” ressaltando o papel da linguagem, do inconsciente no ser falante, enfatizando também, a técnica de associação livre que é uma fala que se endereça ao analista mesmo que não obtenha resposta. Lacan ressalta: “mostraremos que não há fala sem resposta, mesmo que depre-

apenas com o silêncio, desde que ela tenha um ouvinte, e que é esse o cerne da sua função na análise” (1998, p. 249).

A ideia do inconsciente como a verdadeira realidade psíquica da psicanálise começou a se colocar em evidência por Lacan que teceu inúmeras críticas à vertente americana da psicanálise que privilegiava a instância da consciência em detrimento ao inconsciente, pregando com veemência a necessidade de fortalecimento do ego.

Neste sentido, ao elaborar o conceito de sujeito na psicanálise, Lacan vai como Freud, subverter a predominância da leitura da consciência como o centro do sujeito e estabelecer o sujeito do inconsciente, aquele que aparece nos lapsos e nos tropeços da linguagem. Subsidiado pela linguística passa a postular o inconsciente estruturado como uma linguagem, por meio da inversão e da primazia do significante pelo significado. Assim, o sentido passa a surgir pela articulação entre os significantes, na própria cadeia significante, na fala e na associação livre.

Bastos (2003) esclarece a relação do inconsciente como um lugar de um saber:

O inconsciente é a estrutura da linguagem que incide sobre o sujeito e age à revelia da consciência. O sujeito do inconsciente fala e não sabe o que diz, pois há algo que se tece pelas palavras, além delas. Por isso, na análise, o método de associação livre remete-o para uma nova dimensão, na qual ele se depara com as palavras que escapam ao seu domínio, que ele mesmo diz, e que acabam por produzir efeitos impactantes. Assim, podemos entender o inconsciente como o lugar de um saber que se manifesta de forma singular, como as próprias formações inconscientes são capazes de revelar (p.114 - 115).

O ensino de Jacques Lacan foi marcado por seus seminários que iniciaram em 1953 ainda em sua própria casa, inicialmente partindo dos principais conceitos freudianos. Logo após iniciar seus primeiros seminários anuais, foi convidado a ministrá-los no Hospital Sainte’Anne, com um público já bem maior e diversificado de participantes. Lacan não se dizia professor, mas ‘ensinador’ e se colocava no lugar de analisando e não de analista, pois sua fala

era também articulada em cadeias significantes, numa espécie de associação livre, poderíamos dizer.

A cada ano Lacan dedicava seus seminários a uma temática específica e aos poucos foi se tornando muito conhecido, disputado entre os psicanalistas, intelectuais de vanguarda e estudantes, que enchiam o auditório para ouvi-lo falar sobre psicanálise.

Foi no seminário 11 “Quatro conceitos fundamentais da psicanálise” que Lacan começa a se distanciar da psicanálise freudiana e a elaborar seus próprios conceitos e um pensamento mais lacaniano, se podemos denominar assim, uma vez que ele mesmo antes de morrer falou: “Eu venho aqui para lançar a minha causa freudiana. Vocês podem ser lacanianos, se, assim quiserem. Eu sou freudiano” (Seminário de Caracas, 1980).

Jacques Allain Miller comenta que Lacan nunca quis reinventar a psicanálise, mas podemos dizer que o pensamento lacaniano de fato revolucionou a psicanálise freudiana, avançando e criando novos conceitos, sistematizando e ampliando as discussões sobre a clínica e suas consequências. Num primeiro momento a ênfase recaiu sobre o simbólico, a linguagem, a proposição do inconsciente estruturado como uma linguagem, a sistematização do conceito de sujeito do inconsciente, com a influência da linguística de Saussure e da antropologia de Lévi Strauss.

A partir do seminário 11 “Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise”, como já sinalizei acima, Lacan começa a se deslocar de Freud e a postular novos e originais conceitos como o de *objeto a*, objeto causa do desejo, objeto da angústia que como nos diz Lacan. A angústia, inversamente aos demais afetos não desliza na cadeia significativa, não é passível de ser simbolizada, ela refere-se ao Real, num circuito em que o significante não pode capturar. A angústia está atrelada ao real do *objeto a* e sem ele, ela não poderia existir. O *objeto a*, por sua vez, não pode ser definido, apreendido enquanto tal, uma vez que ele é referenciado por Lacan como *o objeto que não se tem ideia* (Kaufmann,1996).

O *objeto a* funciona como uma tela para o sujeito lidar com o mundo, sendo um objeto enigmático e inapreensível pelo sujeito. O *objeto a* nos remete à falta pela qual nos constituímos e é próprio da experiência psicanalítica uma vez que o analista se coloca na

posição *de objeto a* para o paciente. A formalização deste conceito por Lacan, trouxe consequências tanto para a clínica como para o seu ensino posterior.

Poucos anos antes do seminário 11, mais precisamente em 1961, o Congresso de Edimburgo recomenda a Sociedade Francesa de Psicanálise (SFP), da qual Lacan era integrante, a proibição de sua participação na formação dos analistas uma vez que o problema do tempo lógico das sessões estava em discussão. A segunda cisão (“excomunhão”, como diria Lacan) do movimento psicanalítico ocorreu durante o inverno de 1963. Em 1964, a SFP foi dissolvida a partir do não reconhecimento de Lacan como didata pelo Ipa. Lacan fundou junto com Françoise Dolto e um grupo renomado de psicanalistas, a École Freudienne de Paris (EFP) rompendo definitivamente com o IPA.

O rompimento total com a ortodoxia do IPA, foi efetivado por meio da célebre proposição de Lacan de que “*o analista não se autoriza senão por ele*”. A proposição do passe, como instrumento de autorização para ao analista da escola, deu-se no Ato de Fundação da Escola, em 09 de outubro de 1967. No passe o analista relata seu percurso singular de análise para outros analistas que presenciavam e compartilham de sua fala como um momento inaugural de passagem para uma nova posição: analista da escola. O passe é um dispositivo que vai interrogar a própria análise do analista e nesta passagem outorgar o lugar de analista a partir mesmo da emergência do desejo do analista.

Além de seus seminários anuais, Lacan publica em 1966, seu livro intitulado *Escritos*, contendo inúmeros textos sobre psicanálise, com um total de 937 páginas aonde discute também a prática clínica. Neste momento, Lacan já era muito reconhecido no meio intelectual e artístico, sendo que em apenas 15 dias vendeu 5.000 exemplares do seu livro.

Outro grande marco de seu ensino foi o seminário 20, *Encore* (Mais ainda) que trouxe uma nova direção e questionamentos a partir da utilização de matemas (proposições lógicas), da ênfase no real, que é um conceito quase inverso ao de realidade, uma vez que diz respeito àquilo que escapa, que não pode ser representado, que não tem um sentido, que é impossível e que não para de se inscrever.

Lacan estabelece 3 registros fundamentais: o real, o simbólico e o imaginário que se entrelaçam num nó denominado nó borromeano, que são interdependentes e conectados entre si.

A ênfase no real marca uma nova etapa do ensino de Lacan e a formulação de conceitos próprios como o gozo, *falasser*, e proposições bastante intrigantes como “a mulher não existe”, “não há relação sexual”, etc. Ao comentar o seminário 20, especificamente em relação à proposição de sujeito articulada com o gozo (Bastos, 2012) esclarece:

(...) o sujeito lacaniano passa a ser o ser falante, sendo que essa instância está fundamentalmente articulada com o corpo. O ser falante não mais trata dos efeitos do significante enquanto significação, mas como efeito do significante especialmente no corpo. Esse efeito maior é o que Lacan denominou de gozo, o gozo que supõe o corpo e que necessita o suporte de um corpo. O sujeito passa a ser uma categoria, a do ser falante, na qual o sujeito e o gozo estão articulados, em uma nova perspectiva, a de um corpo afetado pelo significante e mobilizado pelo inconsciente (pp. 61- 62).

Como podemos perceber, o último ensino de Lacan transforma o conceito de sujeito a partir da análise dos efeitos da linguagem através do corpo. O termo *falasser* vem de encontro a essa ideia na medida em que ele implica os efeitos da linguagem no corpo por meio do gozo. O gozo, um conceito novo e primordial, pode ser entendido como uma outra satisfação, que não serve para nada e que causa desprazer e sofrimento. Mrech (1999) define o conceito de gozo como:

(...) uma satisfação que não serve para nada, mas que mantém o sujeito atrelado às suas cadeias. Onde o sujeito goza, goza sem parar. Um prazer inconsciente que emerge na manutenção da inércia. Um prazer inconsciente que se encontra vinculado à libido fixada, fazendo com que o sujeito repita sempre os mesmos contextos, as coisas da mesma forma. Ou que queria sempre mais e acaba obtendo o pior. O gozo enquanto libido fixada está ligado à pulsão da morte (p. 132).

Podemos entender um sintoma como um gozo conectado tanto com a pulsão de morte quanto a compulsão à repetição através das manifestações de gozo e não de desejo, provenientes do real, e não mais do simbólico ou do imaginário. O desejo, diferentemente do gozo, encontra-se atrelado com a falta, é inconsciente e move o sujeito em sua busca, em seu encontro. O gozo, por outro lado, está articulado com o real, com o que escapa, com o que não tem representação nem sentido, mas que envolve o sujeito em circuitos repetitivos de busca de prazer que pode acabar por gerar desprazer e sofrimento.

A terceira grande ruptura institucional de Lacan aconteceu em função das divergências sobre o passe que implicavam nos princípios de autorização do analista. Neste contexto, Lacan decide pela dissolução de sua própria escola em 1980, um ano antes de sua morte. Ele e anuncia a dissolução da Escola Freudiana de Psicanálise, numa carta endereçada aos membros e publicada no *Le Monde* para logo depois anunciar a fundação de “La Cause Freudienne” que até hoje é uma grande referência dos ensinamentos de Lacan e de seus seguidores.

Lacan, de fato, revolucionou a psicanálise por meio de seu ensino, de seus novos e instigantes conceitos e de sua proposição de (re) pensar a clínica psicanalítica. A primeira clínica, podemos denominar assim, é a clínica que privilegia o simbólico, as formações do inconsciente e o desejo do sujeito. Nesta clínica busca-se interpretar as formações do inconsciente e decifrar o sintoma do paciente. Já a segunda clínica, a clínica do Real, pós-edípica, vai situar a primazia do gozo e buscar modificar a relação do sujeito com o gozo através da transferência, possibilitando ao sujeito encontrar novos modos de gozo.

Ao escrever sobre a clínica do real Forbes (2012) esclarece:

Há uma nova clínica necessária ao Homem Desbussolado, da pós modernidade. Imenso desafio é revermos ao avesso o que chamamos primeira clínica de Lacan, a clínica simbólica do sujeito do significante, a clínica do sentido a mais, para uma segunda clínica, do sentido a menos, do parlêtre, da primazia do Real, do emprestar consequência. Não se trata, a meu ver, de um pequeno ajuste, de uma continuidade, mas de uma mudança paradigmática, desafio fundamental para os psicanalistas e para as análises de hoje.

Ainda segundo esse mesmo autor, a segunda clínica lacaniana, busca responsabilizar o analisando frente ao acaso e à surpresa, na medida em que possibilita inventar uma resposta forçosamente singular. O real é entendido aqui como a forma que temos de continuar a conviver com o inevitável estranho real do qual somos constituídos buscando transformá-lo em movimento de ação criativa.

A segunda clínica de Lacan foi deixada incompleta, mas possível de ser estabelecida pelos seus seguidores e seu ensino a partir do seminário 20, "Encore". No momento atual ainda muito se investiga sobre ela sendo que uma de suas premissas relaciona-se justamente com as escolhas que fazemos, com a responsabilização que temos de ter diante delas e de suas consequências.

Referências

BASTOS, A. B. B. I. **A construção da pessoa em Wallon e a constituição do sujeito em Lacan**. Petrópolis: Editora Vozes, 2003.

BASTOS, A.B.I. A alteridade nas obras de Wallon e Lacan. In: OLIVEIRA, L.C.F; ESPERIDIÃO, N. ; SORIA, A.C.S. (Orgs.) **A educação e suas múltiplas leituras: psicanálise, Psicologia e Filosofia**. São Paulo: Globus Editora, p. 43-64, 2012.

CESAROTO, O; PETER, M. **Jacques Lacan, uma biografia intelectual**. São Paulo: Ed. Iluminuras. 1993.

FORBES, J. **O que esperar de um psicanalista?** -a psicanálise e o psicanalista no Séc. XXI; seus desafios e impasses. Jornadas da Escola Brasileira de Psicanálise. Seção São Paulo, 2012. Disponível em:

<http://projetoanalise.com.br/br/artigos/o-que-esperar-de-um-analista.html> . Acesso em 2 fev de 2015.

KAUFMANN, P. **Dicionário enciclopédico de psicanálise – o legado de Freud a Lacan**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1998.

LACAN, J. **Seminário 11 – os quatro conceitos fundamentais da psicanálise**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1979.

_____. **Seminário 20 – mais, ainda**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1982.

_____. **Seminário 2 – O eu na teoria de Freud e na técnica da psicanálise**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1985.

_____. **Escritos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

MRECH, L. M. **Psicanálise e Educação - novos operadores de leitura**. São Paulo: Pioneira, 1999.

ROUDINESCO, E; PLON, M. **Dicionário de Psicanálise**. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.

Contato do autor:

Email: aliceizique@terra.com.br

Recebido em: 02/12/2014

Aceito em: 12/03/2015